

## A VERDADE PODE SOBREVIVER NUMA SOCIEDADE PÓS-MODERNA?

*Respondeu Jesus: Tu, dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade?*

*- João 18.37-38-*

Levando em conta a Pessoa que estava diante dele e a gravidade das questões sobre as quais as pessoas rogavam que ele decidisse, a atitude de Pilatos foi admiravelmente desdenhosa. Mas certamente suscitou uma consideração vital: *que é a verdade?*

De onde, afinal das contas, vem este conceito e por que é tão fundamental para todo o pensamento humano? Toda idéia que temos, todo relacionamento que cultivamos, toda crença que nutrimos, todo fato que conhecemos, todo argumento que levantamos, toda conversa da qual participamos e todo pensamento que desenvolvemos pressupõem que existe a essa coisa chamada "verdade". A idéia é um conceito essencial, sem o qual a mente humana não poderia funcionar.

Ainda que você seja um daqueles pensadores atuais que alega ceticismo quanto ao fato de que a verdade é realmente uma categoria útil, para expressar tal opinião, você tem de admitir que a verdade é significativa em algum nível fundamental. Um dos axiomas mais fundamentais, universais e inegáveis de todo o pensamento humano é a absoluta necessidade da verdade. (E poderíamos acrescentar que a necessidade da verdade absoluta é o seu corolário mais próximo).

### UMA DEFINIÇÃO BÍBLICA

Então, o que é a verdade?

Segue-se, aqui, uma definição singela, extraída daquilo que a Bíblia ensina: *a verdade é aquilo que é consistente com a mente, a vontade, o caráter, a glória e o ser de Deus*. Sendo mais preciso: *a verdade é a auto-expressão de Deus*. Esse é o significado bíblico da verdade, e é a definição que emprego em todas as partes desse livro. Posto que a definição da verdade flui da parte de Deus, a verdade é *teológica*.

A verdade também é *ontológica* - um modo requintado de expressar que a verdade é a maneira como as coisas realmente são. A realidade é aquilo que ela é porque Deus declarou que ela seja assim e a fez assim. Por isso, Deus é o autor, a fonte, o determinado, o governador, o árbitro, o padrão máximo e o derradeiro juiz de toda a verdade.

O Antigo Testamento se refere ao Todo-Poderoso como o "Deus da verdade" (Deuteronômio 32.4; Salmos 31.5; Isaías 65.16). Quando Jesus disse a respeito de Si mesmo: "Eu sou ... a verdade" (João 14.6, ênfase acrescentada), Ele estava fazendo uma declaração profunda a respeito de sua própria divindade. Também deixou claro que *toda* a verdade, em última análise, deve ser definida em termos de Deus e de sua glória eterna. Afinal das contas, Jesus é "o resplendor da glória [de Deus] e a expressão exata do seu Ser" (Hebreus 1.3). *Ele é a verdade encarnada* - a expressão perfeita de Deus e, portanto, a corporificação absoluta de tudo que é a verdade.

Jesus também disse que a Palavra escrita de Deus é a verdade. Ela não somente *contém* pepitas da verdade; ela *é* a verdade pura, imutável e inviolável que (segundo Jesus) "não pode falhar" (João 10.35). Jesus, orando ao seu Pai celestial, em favor dos seus discípulos, disse: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (João 17.17). Além disso, a Palavra de Deus é a verdade eterna, "a qual vive e é permanente" (1 Pedro 1.23).

É lógico que não pode existir qualquer discórdia ou diferença de opinião entre a Palavra *escrita* de Deus (a Escritura) e a Palavra *encarnada* de Deus (Jesus). Em primeiro lugar, a verdade, por sua própria natureza, não pode contradizer-se a si mesma. Em segundo lugar, a Escritura é chamada de "a palavra de Cristo" (Colossenses 3.16). É mensagem *dEle*, a auto-expressão *dEle*. Em outras palavras, a verdade de Cristo e a verdade da Bíblia são do mesmíssimo caráter. Estão em perfeito acordo, em todos os aspectos. Ambas são igualmente verdadeiras. Deus se revelou à humanidade por meio das Escrituras e por meio do seu Filho. Ambos expressam com perfeição aquilo que a verdade é.

Lembre-se de que as Escrituras também dizem que Deus revela na natureza a verdade básica a respeito de Si mesmo. Os céus proclamam a glória de Deus (Salmos 19.1). Os demais atributos invisíveis de Deus (tais como sua

[www.espacodabiblia.com](http://www.espacodabiblia.com)

Extraído do livro "A Guerra Pela Verdade", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

sabedoria, seu poder e sua beleza) estão em demonstração constante naquilo que Ele criou (Romanos 1.20). O conhecimento de Deus é inato no coração humano (Romanos 1.19), e o senso do caráter moral e da sublimidade da sua lei está implícito em toda consciência humana (Romanos 2.15). Essas coisas são verdades universalmente auto-evidentes. De acordo com Romanos 1.20, a negação das verdades espirituais que conhecemos de modo inato sempre envolve incredulidade deliberada e culpável. E, quanto, àqueles que duvidam que as verdades básicas no tocante a Deus e aos seus padrões morais estejam realmente gravadas no coração humano, esses podem achar comprovação ampla na longa história das leis e das religiões. Suprimir esta verdade é desonrar a Deus, mudar a sua glória e incorrer na sua ira (vv. 19-20).

Ademais, o único intérprete infalível daquilo que vemos na natureza ou conhecemos de modo inato, em na nossa própria consciência, é a revelação explícita das Escrituras. Posto que é somente as Escrituras nos apresenta o caminho da salvação, a entrada para o reino de Deus e o relato infalível de Cristo, a Bíblia é a pedra de toque pela qual devem ser testadas todas as afirmações concernentes à verdade e pela qual todas as outras verdades têm de ser avaliadas, em última instância.

### A INADEQUAÇÃO DE TODAS AS OUTRAS DEFINIÇÕES

Um corolário óbvio daquilo que estou dizendo é que, à parte de Deus, a verdade não significa nada. A verdade não pode ser explicada, reconhecida, entendida ou definida sem que Deus seja a sua fonte. Visto que somente Ele é eterno e auto-existente e que somente Ele é o Criador de todas as coisas, Ele é a fonte de toda a verdade.

Se você não acredita nisso, tente definir a verdade sem referência a Deus e veja quão rapidamente fracassam essas definições. No momento em que você começa a meditar sobre a essência da verdade, você depara-se com a necessidade de um absoluto universal - a realidade eterna de Deus. Na proposição inversa, todo o conceito da verdade perde instantaneamente o sentido e, por isso, toda imaginação do coração humano se torna pura tolice, assim que as pessoas tentam remover de sua mente o conceito de Deus.

Essa foi precisamente a maneira como o apóstolo Paulo descreveu o declínio permanente das idéias humanas, em Romanos 1.21-22: "Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos."

Sempre existem sérias implicações *morais*, quando alguém tenta fazer uma dissociação entre a verdade e o conhecimento de Deus. Paulo, continuando seu argumento, escreveu: "E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes" (Romanos 1.28). O resultado inevitável de abandonar a definição bíblica da verdade é a injustiça e a impiedade. Vemos isso ocorrer diante de nossos olhos em todos os cantos da sociedade contemporânea. Na realidade, a aceitação generalizada do homossexualismo, da rebeldia e de todas as formas da iniquidade que vemos em nossa sociedade é um cumprimento literal daquilo que Romanos diz que sempre acontece quando uma sociedade nega e suprime a conexão essencial entre Deus e a verdade.

Se você refletir sobre este assunto com uma dose mínima de sobriedade, logo perceberá que até as distinções morais mais fundamentais - o bem e o mal, o certo e o errado, a beleza e a feiúra, a honra e a desonra - não têm qualquer possibilidade de possuir sentido verdadeiro ou permanente à parte de Deus. A razão disso é que a verdade e o conhecimento, por si mesmos, simplesmente não possuem relevância coerente à parte de uma origem fixa, ou seja, Deus. Como poderiam ser relevantes? Deus é, em Si mesmo, a própria definição da verdade. Qualquer reivindicação à verdade, à parte de Deus, é absurda.

De fato, os filósofos humanos têm procurado, durante milhares de anos, explicar a verdade e o conhecimento humano à parte de Deus - e, em última análise, todos que fizeram semelhante tentativa, fracassaram. Isso tem levado a uma mudança apavorante no mundo do pensamento secular em anos recentes.

Vamos apresentar um esboço sucinto de como se realizou essa mudança: os filósofos da Grécia antiga simplesmente admitiram a validade da verdade e do conhecimento humano, sem tentarem explicar como sabemos aquilo que sabemos. Mas, cerca de quinhentos anos antes dos tempos de Cristo, Sócrates, Platão e Aristóteles começaram a considerar os problemas de como definir o conhecimento, como descobrir se uma crença é verdadeira e como determinar se realmente estamos justificados em acreditar em qualquer coisa. Durante uns dois mil anos, quase todos os filósofos **pressupunham**, em maior ou menor grau, que o conhecimento é transmitido, de alguma

[www.espacodabiblia.com](http://www.espacodabiblia.com)

maneira, através da natureza e apresentavam explicações naturalistas na tentativa de descrever como a verdade e o conhecimento podem ser comunicados à mente humana.

Depois, em meados do século 17, na aurora do assim chamado Iluminismo, filósofos como René Descartes e John Locke começaram a lidar seriamente com a questão de como obtemos conhecimento. Essa ramificação da filosofia se tornou conhecida como epistemologia - o estudo do conhecimento e de como a mente humana apreende a verdade.

Descartes era um racionalista e acreditava que a verdade é conhecida mediante a razão, usando como ponto de partida algumas poucas verdades fundamentais e auto-evidentes, e empregando deduções lógicas, para edificar estruturas mais sofisticadas do conhecimento sobre aquele mesmo fundamento. Ao contrário disso, Locke argumentava que a mente humana começa como uma lousa vazia e adquire conhecimentos através dos sentidos (a opinião de Locke é conhecida como empirismo).

Imanuel Kant demonstrou que nem a lógica sozinha nem a experiência sozinha (conseqüentemente, nem o racionalismo nem o empirismo) podia explicar todos os conhecimentos humanos; ele elaborou uma proposta que combinava elementos do racionalismo e do empirismo. G. W. F. Hegel argumentou, por sua vez, que até mesmo a proposta de Kant era inadequada e propôs um ponto de vista mais fluido da verdade, negando que a realidade é uma coisa constante. Pelo contrário, disse Hegel, aquilo que é verdadeiro se envolve e se transforma no decorrer do tempo. As opiniões de Hegel abriram a porta para vários tipos de irracionalismo, representados pelos sistemas de pensamento "modernos" que variam desde as filosofias de Kierkegaard, Nietzsche e Marx até o pragmatismo de Henry James.

Epistemologias primorosas têm sido propostas e repudiadas metodologicamente uma após outra - como uma longa corrente cujos elos anteriores são todos quebrados. Depois de milhares de anos, os melhores dos filósofos humanos têm fracassado completamente na tentativa de explicar, à parte de Deus, a verdade e a origem do conhecimento humano.

De fato, a principal e mais valiosa lição que a humanidade deve ter aprendido da filosofia é que é impossível a verdade ser compreensível sem reconhecer a Deus como o ponto de partida necessário.

#### A GRANDE "MUDANÇA DE PARADIGMA"

Em tempos recentes, muitos intelectuais incrédulos têm reconhecido que a corrente está quebrada e resolveram que o culpado disso é o fato de que qualquer busca pela verdade é absurda. Com efeito, já abandonaram essa busca como algo totalmente fútil. Portanto, o mundo das idéias humanas está atualmente num estado grave de fluxo. Em quase todos os níveis da sociedade, estamos testemunhando uma mudança profundamente radical dos paradigmas - uma revisão em grande escala na maneira como as pessoas pensam a respeito da própria verdade.

Infelizmente, ao invés de reconhecer aquilo que a verdade exige e render-se à necessidade da crença no Deus da verdade, o pensamento ocidental contemporâneo já excogitou maneiras de livrar totalmente a filosofia humana de qualquer noção coerente da verdade. O conceito da verdade está sofrendo ataques pesados na comunidade filosófica, no mundo acadêmico e no âmbito da religião mundana. O modo como as pessoas pensam a respeito da verdade está sendo totalmente renovado, e o vocabulário do conhecimento humano, completamente redefinido. Evidentemente, o propósito é lançar no esquecimento toda noção da verdade.

O alvo da filosofia humana costumava ser a verdade sem Deus. As filosofias contemporâneas estão abertas à noção de Deus sem a verdade - ou, falando com mais exatidão, a "espiritualidade" pessoal em que todos têm a liberdade de criar seu próprio deus. Esses deuses pessoais não representam nenhuma ameaça ao egoísmo pecaminoso, porque, de qualquer forma, se adaptam às preferências pessoais de todo pecador e não impõem a ninguém qualquer exigência.

Esse fato ressalta a verdadeira razão de toda negação da verdade: "Os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más" (João 3.19). Nesta passagem, o Senhor Jesus está dizendo que as pessoas rejeitam a verdade (a luz) por razões que são fundamentalmente morais, e não intelectuais. A verdade é clara - clara até demais. Ela revela e condena o pecado. Por isso, "todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras" (v. 20). Os pecadores amam seu pecado, de modo que fogem da luz, negando que ela existe.

É claro que a guerra contra a verdade não é algo novo. Ela começou no Jardim, quando a serpente disse à mulher: "É assim que Deus disse?" (Gênesis 3.1). Uma batalha implacável tem sido travada desde então - entre a

[www.espacodabiblia.com](http://www.espacodabiblia.com)

Extraído do livro "A Guerra Pela Verdade", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

verdade e a mentira, o bem e o mal, a luz e as trevas, a certeza e a dúvida, a crença e o ceticismo, a retidão e o pecado. É um conflito espiritual selvagem que abrange literalmente toda a história da humanidade. Mas a ferocidade e a irracionalidade do ataque contemporâneo parece não ter precedentes.

As abrangentes ramificações da recente mudança de paradigma se tornam bem óbvias. No decurso dessa geração passada - e especialmente nestas duas últimas décadas - temos visto mudanças convulsivas nos valores morais, na filosofia, na religião e nas artes da sociedade. A reviravolta tem sido tão profunda, que a geração dos nossos avós (e quase toda a geração anterior, em toda a história da humanidade) dificilmente teria imaginado que o panorama social poderia mudar tão rapidamente. Quase nenhum aspecto do raciocínio humano deixou de ser afetado. A devoção tradicional e nominal aos ideais e aos padrões morais derivada das Escrituras está morrendo juntamente com a geração mais velha.

Muitos acreditam que a mudança de paradigma já nos levou além da era da modernidade, à próxima grande época no desenvolvimento do pensamento humano: a era pós-moderna.

## A MODERNIDADE

A *modernidade*, em termos simples, era caracterizada pela crença de que a verdade existe e que o método científico é a única maneira confiável de determinar essa verdade. Na assim chamada era "moderna", a maioria das disciplinas acadêmicas (a filosofia, a ciência, a literatura e a educação) era direcionada primariamente por pressuposições racionalistas. Em outras palavras, o pensamento moderno tratava o raciocínio humano como o árbitro final do que é a verdade. A mente moderna rejeitou o conceito do sobrenatural e procurou explicações científicas e racionalistas para tudo. Mas os pensadores modernos mantinham sua crença de que o conhecimento da verdade é possível. Ainda buscavam verdades universais e absolutas que fossem aplicáveis a todos. As metodologias científicas se tornaram o principal meio com o qual as pessoas modernas procuraram obter esse conhecimento.

Essas pressuposições deram à origem o darwinismo, que, por sua vez, gerou uma fileira de idéias e cosmovisões humanistas. Entre elas se destacaram várias filosofias ateístas, racionalistas e utópicas - inclusive o marxismo, o fascismo, o socialismo, o comunismo e o liberalismo teológico.

As devastadoras repercussões do modernismo foram logo sentidas em todo o mundo. Vários conflitos entre essas ideologias (e entre muitas outras semelhantes a elas) dominaram o século 20. Todas fracassaram. Depois de duas guerras mundiais, revoluções sociais contínuas, perturbações civis e uma longa guerra fria ideológica, a modernidade foi declarada morta pela maioria das pessoas no mundo acadêmico. A morte simbólica da era moderna foi marcada pela queda do Muro de Berlim, um dos monumentos mais apropriados e imponentes para a ideologia moderna. Uma vez que o muro era uma expressão concreta da cosmovisão utópica e errônea da modernidade, sua demolição repentina também foi um símbolo perfeito do colapso da modernidade.

A maioria, senão a totalidade, dos principais dogmas e cosmovisões da era moderna agora é considerada completamente antiquada e desesperançosamente desacreditada em quase todos os âmbitos do mundo intelectual e acadêmico. Até o fascínio que a religião do modernista tinha pela alta crítica<sup>\*</sup> deu lugar à espiritualidade abstrata.

O racionalismo superconfiante e a soberba humana que caracterizavam a era moderna tiveram - final e apropriadamente - perderam a maior parte de seu entusiasmo e influência.

## O PÓS-MODERNISMO

Por isso, os novos modos de pensar têm sido alcunhados, coletivamente, de pós-modernos.

Se você tem prestado atenção ao mundo em nosso redor, provavelmente já ouviu muito essa expressão. O termo *pós-modernismo* tem sido usado cada vez mais, desde os anos 1980, para descrever várias tendências populares na arquitetura, na arte, na literatura, na história, na cultura, e na religião. Não é um termo de explicação fácil, porque descreve um modo de pensar que desafia (e até mesmo rejeita) qualquer definição clara.

De modo geral, o pós-modernismo é marcado por *uma tendência a repudiar a possibilidade de qualquer conhecimento seguro e sólido da verdade*. O pós-modernismo sugere que, se a verdade objetiva existe, ela não pode ser conhecida de

---

\* **Nota Espaço da Bíblia:** o termo "alta crítica" é usado por aqueles que consideram mitos os relatos miraculosos da Escritura. Sendo assim, a "alta crítica" é a "tarefa de 'criticar' o relato bíblico e 'limpá-lo' dos acréscimos mitológicos". (Fonte: LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, pág. 188)

modo objetivo ou com algum grau de certeza; porque (segundo os pós-modernistas) a subjetividade da mente humana torna impossível o conhecimento da verdade objetiva. Portanto, é inútil pensar na verdade em termos objetivos. A objetividade é uma ilusão. Nada é certo, e a pessoa sensata nunca falará com convicção demasiada a respeito de coisa alguma. Fortes convicções no tocante a qualquer aspecto da verdade são reputadas supremamente arrogantes e desesperadamente ingênuas. Cada pessoa tem o direito à sua própria verdade.

Por conseguinte, o pós-modernismo não possui nenhuma agenda positiva para declarar que alguma coisa é verdadeira ou boa. Talvez você já notou que somente os crimes mais hediondos ainda são considerados maus. (Na realidade, existem muitas pessoas hoje que estão dispostas a debater se *alguma coisa* é "má"; por isso, essa linguagem está desaparecendo rapidamente do discurso público). Isso acontece porque a própria noção do mal não se encaixa no esquema pós-moderno das coisas. Se não podemos ter nada como certo, como julgaremos que uma coisa é má?

Por isso, o único objetivo e atividade singular do pós-modernismo é a desconstrução sistemática de qualquer reivindicação da verdade. As ferramentas principais que estão sendo usadas para realizar isso são: o relativismo, o subjetivismo, a negação de todo dogma, a dissecação e o aniquilamento de toda definição clara, o questionamento implacável de todo axioma, a exaltação indevida do mistério e do paradoxo, o exagero deliberado de toda ambigüidade e, acima de tudo, o cultivo da incerteza a respeito de tudo.

Se você me desafiasse a condensar o pensamento pós-moderno em sua essência e identificar seu teor numa única característica, simples e central, eu diria que ele é a rejeição de toda expressão de certeza. Na perspectiva pós-modernista, a certeza é considerada inerentemente arrogante, elitista, intolerante e opressiva - e, portanto, sempre errada.

A morte da modernidade e o conseqüente golpe sobre a arrogância humana racionalista é certamente algo que devemos celebrar. Mas, do ponto de vista espiritual, a ascensão do pós-modernismo tem sido tudo, menos um desenvolvimento positivo.

O pós-modernismo tem resultado numa rejeição generalizada da verdade e na veneração do ceticismo. Os pós-modernistas desprezam as reivindicações da verdade. Repudiam, também, toda tentativa de construir uma cosmovisão coerente e rotulam todas as ideologias compreensivas e sistemas de crenças como "metanarrativas" ou grandes estórias. Semelhantes "estórias," dizem eles, não têm a menor possibilidade de levar em conta a perspectiva individual de todas as pessoas; por isso, sempre são inadequadas.

A preferência que o pós-modernismo tem pela subjetividade, acima da objetividade, torna-o inerentemente relativista. Naturalmente, o pós-modernista tem aversão por absolutos e não quer reconhecer qualquer verdade que pareça axiomática ou auto-evidente. Pelo contrário, a verdade, quando é, de algum modo, reconhecida, torna-se infinitamente flexível e, em última análise, incapaz de ser conhecida em algum sentido objetivo.

O pós-modernismo assinala, portanto, um grande triunfo do relativismo - o conceito de que a verdade não é fixa e objetiva, e sim algo determinado pela percepção exclusiva e subjetiva de cada pessoa. Tudo isso é, conclusivamente, uma tentativa inútil de eliminar da vida humana a moralidade e a culpa.

### REMOVENDO AS PROPOSIÇÕES DAS PREMISSAS

Uma outra consideração extremamente importante precisa ser mencionada no tocante às noções pós-modernas da verdade. Os *pós-modernistas geralmente suspeitam de formas racionais e lógicas*. Em especial, não gostam de debater a verdade em termos proposicionais claros.

Conforme percebemos, o pós-modernismo é, em grande medida, uma reação contra o racionalismo desenfreado da modernidade. Mas a reação de muitos pós-modernistas para com o racionalismo é gravemente exagerada. Muitos pós-modernistas parecem a nutrir a idéia de que a *irracionalidade* é superior ao racionalismo.

De fato, essas duas maneiras de pensar são totalmente errôneas e igualmente hostis à verdade autêntica e ao cristianismo bíblico. Um extremo é tão letal quanto o outro. O *racionalismo* precisa ser rejeitado, sem abandonarmos a *racionalidade*.

A racionalidade (o uso correto da razão santificada mediante a lógica sadia) nunca é condenada nas Escrituras. A fé não é irracional. A verdade bíblica autêntica exige [que] empreguemos o pensamento lógico, sensato e claro. A verdade sempre pode ser examinada e comparada à luz fulgurante de outra verdade, sem se diluir e se tornar um absurdo. A verdade, por sua própria natureza, nunca se contradiz, nunca é ilógica. E, de modo contrário ao pensamento popular, não é racionalismo insistir que a coerência é uma qualidade essencial de toda verdade. Cristo é a verdade encarnada, e Ele não pode negar-se a Si mesmo (2 Timóteo 2.13). A verdade que

[www.espacodabiblia.com](http://www.espacodabiblia.com)

Extraído do livro "A Guerra Pela Verdade", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

desmente a si mesma é uma absoluta contradição de termos. "Mentira alguma jamais procede da verdade" (1 João 2.21).

A lógica também não é uma um conceito peculiarmente "grego" que, de algum modo, é hostil ao contexto hebraico das Escrituras: (Esse um é mito comum, uma simplificação rude e exagerada que é freqüentemente proposta para apoiar o flerte do pós-modernismo com a irracionalidade). As Escrituras freqüentemente empregam expedientes lógicos, tais como a antítese, os argumentos "se ... então", os silogismos e as proposições. Todas estas são formas padronizadas da lógica, e as Escrituras estão repletas delas (por exemplo, a longa seqüência de argumentos dedutivos a respeito da importância da ressurreição, em 1 Coríntios 15.12-19).

Apesar disso, encontramos freqüentemente pessoas que estão fascinadas pelas idéias pós-modernas e que argumentam com veemência que a verdade não pode ser expressa em meras proposições, semelhantes a fórmulas matemáticas. Até alguns cristãos professos argumentam, hoje em dia, nestes termos: "Se a verdade é pessoal, não pode ser proposicional. Se a verdade é incorporada na pessoa de Cristo, logo, a forma de proposição talvez não possa expressar a verdade autêntica. É por essa razão que a maior parte das Escrituras é contada na forma de narrativa - como uma história - e não como um conjunto de proposições".

A razão que está por trás do desprezo do pós-modernismo pela verdade proposicional não é difícil de ser entendida. Uma proposição é *uma idéia formulada como uma declaração lógica que afirma ou nega alguma coisa; é expressa de tal modo que tem de ser verdadeira ou falsa*. Não existe nenhuma terceira opção entre o certo e o errado (essa terceira opção é o "meio-termo excluído" na lógica). Toda a razão de ser de uma proposição é reduzir uma declaração da verdade a uma clareza tão pura, que essa declaração tem de ser afirmada ou negada. Em outras palavras, as proposições são as expressões mais simples de valor da verdade usadas para expressar a substância daquilo que cremos. Falando com sinceridade, o pós-modernismo não pode suportar esse tipo de clareza.

Na realidade, a rejeição da forma proposicional por parte do pós-modernismo acaba se revelando totalmente insustentável. É impossível conversar sobre a verdade, de algum modo - ou mesmo contar uma estória - sem recorrer ao uso de proposições. Até recentemente, a validade e a necessidade de expressar a verdade em forma de proposições eram consideradas auto-evidentes, por quase todos os que já estudaram a lógica, a semântica, a filosofia ou a teologia. Ironicamente, para formar qualquer argumento coerente *contra* o emprego das proposições, uma pessoa teria de empregar declarações proposicionais! Portanto, todo argumento contra o uso de proposições destrói-se a si mesmo instantaneamente.

Deixemos bem claro: a verdade envolve, certamente, mais do que meras proposições. Sem dúvida alguma, existe um elemento *pessoal* na verdade. O próprio Jesus Cristo transmitiu essa mensagem, quando declarou ser Ele mesmo a verdade encarnada. As Escrituras também ensinam que a fé envolve o receber a Jesus Cristo em tudo que Ele é - conhecê-Lo num sentido real e pessoal e ser habitado por Ele - e não meramente concordar com uma breve lista de verdades desencarnadas *a respeito* dEle (Mateus 7.21-23).

Portanto, é verdade que a fé não pode ser reduzida ao mero assentimento de um conjunto finito de proposições (Tiago 2.19). Já ressaltai esse fato, repetidas vezes, em livros anteriores. A fé salvífica é mais do que um mero aceno intelectual de aprovação dos fatos de um esboço mínimo do evangelho. A fé autêntica em Cristo envolve o amor à sua Pessoa e a disposição de render-se à sua autoridade. O coração, a vontade, e o intelecto do ser humano - todos concordam no ato da fé. Nesse sentido, certamente é correto, e mesmo *necessário*, reconhecer que meras proposições não podem abordar apropriadamente todas as dimensões da verdade.

Por outro lado, a verdade simplesmente não poderá sobreviver, se for destituída de seu conteúdo proposicional. Embora seja bem certo que crer na verdade envolve mais do que o assentimento do intelecto humano a certas proposições, também é certo que a fé autêntica nunca envolve menos do que isso. Rejeitar o conteúdo proposicional do evangelho é sacrificar a fé salvífica, e ponto final.

Os pós-modernistas sentem-se desconfortáveis com proposições, por uma razão óbvia: eles não gostam da clareza e da inflexibilidade exigidas para lidar com a verdade na forma proposicional. A proposição é a forma mais singela simples de qualquer afirmação da verdade; e o ponto de partida fundamental do pós-modernismo é seu desprezo de todas as afirmações da verdade. A "lógica vaga" de idéias contada na forma de "estórias" soa um tanto mais elástica - embora realmente não o seja. As proposições são blocos de construção necessários a todos os meios de transmitir a verdade - inclusive as estórias.

No entanto, o ataque contra as expressões proposicionais da verdade é a operação natural e necessária da desconfiança geral do pós-modernismo para com a lógica, do seu desgosto para com a certeza e da sua antipatia

[www.espacodabiblia.com](http://www.espacodabiblia.com)

Extraído do livro "A Guerra Pela Verdade", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

para com a clareza. Para manter a ambigüidade e a flexibilidade da "verdade" necessárias à perspectiva pós-moderna, as proposições claras e específicas precisam ser ignoradas como meio de expressar a verdade. As proposições nos obrigam a encarar os fatos e a optar por afirmá-las ou negá-las. E esse tipo de clareza simplesmente não desempenha um bom papel numa cultura pós-moderna.

### A INCERTEZA É A NOVA VERDADE

Obviamente, o pós-modernismo é consideravelmente mais complexo do que esses poucos parágrafos talvez possam mostrar, mas eles constituem um esboço suficiente daquilo que a expressão significa. No decurso deste livro, investigaremos algumas das características principais da mudança de paradigma do pós-modernismo. Mas, para começar, consideremos esta noção de que a certeza a respeito de *qualquer coisa* é inerentemente arrogante.

Essa opinião goza de popularidade desenfreada em nossos dias. A crença de que ninguém pode realmente saber alguma coisa com certeza está emergindo como praticamente o único dogma que os pós-modernistas podem tolerar. A incerteza é a nova verdade. A dúvida e o ceticismo foram canonizados como uma forma de humildade. O certo e o errado foram redefinidos em termos de sentimentos subjetivos e de perspectivas pessoais.

Essas opiniões também estão se infiltrando na igreja. Em alguns círculos da igreja visível, o cinismo agora é quase considerado a mais esplêndida de todas as virtudes. Comecei este livro com um excelente exemplo desse cinismo, visto no chamado movimento da Igreja Emergente. Um tom implacável de inquietação pós-modernista a respeito da *certeza excessiva* permeia todo esse movimento. Não é de se admirar: a Igreja Emergente surgiu como um esforço deliberado para tornar o cristianismo mais apropriado a uma cultura pós-moderna. Os cristãos emergentes estão determinados a adaptar a fé cristã, a estrutura da igreja, a linguagem da fé e até a mensagem do evangelho às idéias e retórica do pós-modernismo.

O pós-modernismo é um tema importante na literatura da Igreja Emergente. Várias vozes de liderança no movimento têm sugerido que o pós-modernismo é algo que a igreja deve abraçar e adotar. Outros talvez sejam mais hesitantes quanto a endossar completamente o pós-modernismo, mas insistem que os cristãos devem, pelo menos, começar a falar a linguagem pós-moderna, se quisermos alcançar uma geração pós-moderna. Isso, dizem eles, exigirá uma reorganização da mensagem que apresentamos ao mundo, além de uma remodelação dos meios que usamos para pregá-la. Alguns desse movimento têm questionado abertamente se existe mesmo um papel legítimo para a pregação numa cultura pós-moderna. O "diálogo" é o método preferido de comunicação. E, de acordo com isso, algumas congregações do estilo emergente acabaram totalmente com os pastores e os substituíram por "narradores". Outras substituíram o sermão por um diálogo livre e aberto, no qual ninguém desempenha um papel de liderança. Por motivos óbvios, dizer com autoridade "assim diz o SENHOR" não é bem acolhido nesse ambiente.

Obviamente, a primeira vítima nessa maneira de pensar é todo tipo de *certeza*. As proposições centrais e as convicções sólidas do cristianismo bíblico - tais como a crença inabalável na inspiração e autoridade do cristianismo bíblico, uma compreensão sã do verdadeiro evangelho, a plena certeza da salvação, a confiança indubitável no senhorio de Cristo e a estreita exclusividade de Cristo como o único caminho da salvação - não se reconciliam bem com o desprezo que o pós-modernismo sente para com as reivindicações claras e autoritárias da verdade. Por essa razão, o instrumento do diálogo pós-moderno muda instantânea e automaticamente a *mensagem*. E a própria retórica do movimento da Igreja Emergente reflete esse fato.

Prestemos atenção, por exemplo, a como Brian McLaren resume suas opiniões sobre a ortodoxia e sobre a questão de serem ou não sadias e fidedignas as verdades do cristianismo:

*Como é irônico que eu esteja escrevendo a respeito de ortodoxia, que, para muitas pessoas, significa uma apreensão final da verdade a respeito de Deus, que é a glória de Deus. Sente-se aqui ao meu lado, neste pequeno restaurante, e me pergunte se o cristianismo (a minha versão dele, a sua versão, a do papa ou a de qualquer outra pessoa) é ortodoxo, no sentido de ser verdadeiro; e eu darei a minha resposta sincera: um pouco, mas não todo. Admitindo que, por "cristianismo", você se refere à maneira cristã de entender o mundo e a Deus, as opiniões cristãs a respeito da alma, do texto e da cultura ... Eu teria de dizer que provavelmente você tem algumas poucas coisas certas, mas uma porção de coisas erradas.*<sup>1</sup>

McLaren sugere que a própria clareza é de valor dúbio. É evidente que ele prefere a ambigüidade e o equívoco; e seus livros estão, portanto, repletos de linguagem com duplo sentido deliberado. Em sua introdução de

[www.espacodabiblia.com](http://www.espacodabiblia.com)

Extraído do livro "A Guerra Pela Verdade", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.

A *Generous Orthodoxy* (Uma Ortodoxia Generosa), McLaren reconhece: "Fiz um esforço deliberado para ser provocativo, injurioso e obscuro, refletindo minha crença de que a clareza, às vezes, é supervalorizada e de que a surpresa, a obscuridade, o espírito brincalhão e a intriga (cuidadosamente articulados) estimulam freqüentemente mais pensamentos do que a clareza pode fazê-lo".<sup>2</sup> Um tema predominante na maioria dos escritos de MacLaren é a idéia de que "existe grande perigo na busca por estar certo"<sup>3</sup>.

As influências pós-modernas penetraram o movimento evangélico também por outros meios. *Beyond Foundationalism: Shaping Theology in a Postmodern Context* (Além do Fundacionalismo: Moldando a Teologia em um Contexto Pós-Moderno), escrito por Stanley Grenz e John Franke, foi publicado em 2001 e causou um impacto significativo na comunidade acadêmica evangélica; obteve muitas resenhas favoráveis na mídia e estimulou numerosos artigos e palestras da parte de líderes evangélicos que, evidentemente, acham nesse livro muitas coisas com as quais podem concordar.

Mas, como sugere o subtítulo, o livro pleiteia uma abordagem totalmente nova da teologia, com o objetivo de "contextualizar" o cristianismo para uma cultura pós-moderna. "As categorias e os paradigmas do mundo moderno" estão em colapso, conforme dizem os autores na primeira frase do livro.<sup>4</sup> Eles passam a asseverar que, por isso, a teologia cristã deve ser repensada, revisada e adaptada a fim de se manter atualizada e permanecer relevante nesses tempos de mudança.

Grenz e Franke argumentam que o Espírito de Deus fala através das Escrituras, da tradição e da cultura e que os teólogos devem procurar ouvir a voz do Espírito em cada uma destas áreas. Além disso, visto que a cultura está em fluxo constante, é correto e apropriado (dizem eles) que a teologia cristã também esteja num estado perpétuo de transição e fermentação. Nenhum assunto deve ser considerado como definitivamente estabelecido.

A vítima em tudo isso é qualquer conhecimento seguro e certo da verdade bíblica. Para Grenz e Franke, não há problema nenhum nisso. A convicção deles é que todo desejo de obter um conhecimento fixo e positivo de qualquer verdade pertence à categoria de coisas do racionalismo iluminista que estão em colapso. É exatamente isso que querem dizer com a referência ao "fundacionalismo" no título do livro. Definem o *fundacionalismo clássico* como a "busca por completa certeza epistemológica".<sup>5</sup>

Naturalmente, a certeza é atacada repetidas vezes no livro. Esses ataques culminam na alegação incrível de que a certeza, em última análise, é incompatível com a esperança.<sup>6</sup> É claro que existem algumas coisas que ainda não vemos com clareza e pelas quais ainda esperamos (Romanos 8.24-25). Mas parece bastante artificial concluir que não existe nada que podemos saber com uma certeza genuína e definitiva.

Apesar disso, alguns leitores, inclusive John Armstrong, acharam persuasivo o argumento de Grenz e Franke. Armstrong é um escritor, conferencista e ex-pastor que durante certo tempo foi um defensor da teologia reformada e estudioso de avivamentos. O nome do seu ministério, Reforma e Avivamento, refletia isso.

Mas, depois de ler *Beyond Foundationalism*, Armstrong escreveu uma série de artigos no seu boletim informativo declarando que ele mudou de opinião no tocante a várias questões vitais de doutrina - incluindo, entre outros assuntos, a fé e o entendimento, os sacramentos, a doutrina da revelação e a cristologia. Dando crédito a Grenz e Franke por terem ajudado-no a ver a luz, Armstrong escreveu; "Fui obrigado, através de reflexão mais profunda a respeito do método teológico, a abrir mão daquilo que chamo de certeza epistemológica".<sup>7</sup> E diz mais: "Os dogmáticos e mestres reformados, no lado conservador, buscam o conhecimento firme, inabalável e certo ... John Franke sugere que a agenda empregada por esses teólogos 'glorifica a razão e endeusa a ciência'. Mudei de opinião a respeito de como fazer teologia e confesso que agora concordo com a conclusão de Franke".<sup>8</sup>

Armstrong revela o quanto se afastou do seu ponto de partida, com a seguinte declaração: "Se existe algum fundamento na teologia cristã, e creio que deve existir, ele não se acha na igreja, nas Escrituras, na tradição, nem na cultura". As Escrituras não são o fundamento da doutrina cristã? Então, qual é esse fundamento? A resposta de Armstrong ecoa a tese central de *Beyond Foundationalism*: "Se precisamos falar em 'fundamentos' para a fé cristã e seu empreendimento teológico, então devemos falar somente a respeito do Deus trino e uno, revelado de forma polifônica por meio das Escrituras, da igreja e, até mesmo do mundo".<sup>9</sup>

Armstrong faz um esforço desajeitado para dar algum crédito nominal às Escrituras, ao sugerir (numa

[www.espacodabiblia.com](http://www.espacodabiblia.com)

Extraído do livro "A Guerra Pela Verdade", de John F. MacArthur Jr. Editora Fiel.



linguagem que Karl Barth\* teria aplaudido) que nossa doutrina deve "estar sempre de acordo com o testemunho normativo da auto-revelação de Deus contida nas Escrituras".<sup>10</sup> Deixando de lado o jargão e interpretando essa declaração com maior clareza, Armstrong parece estar reconhecendo (pelo menos por um momento), que a revelação que Deus fez de Si mesmo, nas Escrituras, deve ser o padrão de comparação para medirmos todos os nossos pensamentos, crenças e ensinamentos a respeito de Deus. Mas até esse petisco é arrancado num instante pela outra mão e rapidamente substituído por uma anti-hermenêutica totalmente subjetiva, irracional e pós-moderna: "A teologia tem de ser uma humilde tentativa humana de 'ouvir a Deus' - e nunca uma maneira racional de lidar com textos bíblicos".<sup>11</sup>

Armstrong identifica a ilusão de muitos que estão sob o domínio desse [suposto] erro, ao jactar-se de que sua reviravolta radical é o epítome da "humildade" e "a própria essência da liderança servil".<sup>12</sup> (Em harmonia com essa mudança de suas opiniões, Armstrong mudou o nome do seu ministério, de Reforma e Reavivamento, para Atos 3 - o que ressalta seu alvo de ser "missional" no terceiro milênio.)

Enquanto isso, Armstrong emprega caricatura e exagero para atacar as opiniões que ele mesmo defendera no passado. Ele alega que ouvia, "rotineiramente", "cristãos proeminentes dizerem: 'Eu nunca mudei de opinião - nunca'".<sup>13</sup> Armstrong cita a *Teologia Sistemática*, de Wayne Grudem, como um exemplo do ponto de vista da "concordância" na teologia. Você reúne todos os versículos de determinado assunto, divide-os em grupos, coloca-os no devido lugar de seu sistema e, por fim, desenvolve (ou escreve) uma teologia, formal ou não. Esta teologia é, então, transferida, como se o próprio sistema contivesse, ou fosse a verdade da parte de Deus".<sup>14</sup>

Armstrong, Grenz, Franke e os pós-modernistas emergentes embaçaram a linha divisória entre a certeza e a onisciência. Parecem supor que, se não podemos saber tudo com perfeição, não podemos saber nada com qualquer grau de certeza. Esse é um argumento atraente para a mente pós-moderna, mas está em completo desacordo com o ensino das Escrituras: "Nós, porém, temos a mente de Cristo" (1 Coríntios 2.16).

Com isso, não estamos sugerindo que possuímos conhecimento exaustivo. Mas temos realmente conhecimento infalível daquilo que as Escrituras revelam, à medida que o Espírito Santo de Deus nos ensina através da Sua Palavra. "Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente" (1 Coríntios 2.12). O fato de que o nosso conhecimento se torna mais pleno e mais profundo - e de que todos nós mudamos de opinião a respeito de *algumas* coisas, à medida que obtemos cada vez mais discernimento - não significa que tudo que sabemos é incerto, obsoleto ou passível de uma revisão completa, de poucos em poucos anos. As palavras de 1 João 2.20-21 são aplicáveis, no seu verdadeiro sentido, a todos os crentes: "E vós possuíis unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento. Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade".

A mensagem que provém dos evangélicos pós-modernos é exatamente o oposto disso: eles consideram a certeza algo superestimado. A certeza é arrogância. É melhor continuar mudando de opinião e manter a sua teologia em um estado constante de fluxo.

Por semelhante modo, a antiga guerra pela verdade, que já durou várias eras, mudou-se exatamente para dentro da comunidade cristã; e a própria igreja se tornou um campo de batalha - e, infelizmente, pouquíssimos na igreja hoje estão preparados para a luta.

## A GUERRA NA IGREJA

Esta não é, de modo algum, a primeira vez que a guerra pela verdade se introduziu na igreja. Isso tem acontecido em todas as principais épocas da história da igreja. Batalhas pela verdade têm rugido na comunidade cristã desde os tempos dos apóstolos, quando a igreja estava apenas começando. Na realidade, o relato das Escrituras indica que os falsos mestres na igreja logo se tornaram um problema significativo e amplamente difundido aonde quer que o evangelho chegasse. Quase todas as principais epístolas do Novo Testamento abordam esse problema, de uma maneira ou de outra. O apóstolo Paulo estava sempre envolvido numa batalha contra as

---

\* **Nota Espaço da Bíblia:** Karl Barth (1886-1968) afirmava que a Palavra e as ações de Deus não podem ser identificadas com palavras humanas ou eventos históricos registrados na Escritura. As Palavras e as ações de Deus são puramente transcendentais. Sendo assim, ele negava a historicidade da queda e a existência de Abraão, por exemplo. Segundo ele, "A Bíblia se torna a palavra de Deus na medida em que Deus a deixa ser sua palavra, na medida em que Deus fala através dela". (Fonte: LOPES, Augustus Nicodemus. *Op. Cit.*, pág. 215).

mentiras dos "falsos apóstolos, obreiros fraudulentos", que se transformavam em apóstolos de Cristo (2 Coríntios 11.13). Paulo disse que isso era de se esperar. Afinal de contas, essa é uma das estratégias prediletas do Maligno: "E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformam em ministros de justiça" (vv. 14-15).

Seria uma ingenuidade deliberada negar que isso pode acontecer em nossos tempos. De fato, isso está acontecendo em grande escala. O tempo presente não é favorável a que os cristãos flertem com o espírito da época. Não podemos ser apáticos quanto à verdade que Deus nos confiou. Nosso dever é guardá-la, proclamá-la e transmiti-la à geração seguinte (1 Timóteo 6.20-21). Nós, que amamos a Cristo e cremos na verdade incorporada nos ensinamentos dEle, precisamos ter plena consciência da realidade da batalha que ruge em nosso redor. Devemos cumprir nosso papel na guerra pela verdade, que já dura muitas eras. Temos a obrigação sagrada de participar da batalha e lutar pela fé.

Em sentido restrito, a idéia motriz por detrás do movimento da Igreja Emergente está correta: o clima atual do pós-modernismo representa realmente uma vitrine maravilhosa de oportunidades para a igreja de Jesus Cristo. A arrogância que dominava a era moderna está em suas agonias de morte. O mundo, na sua maior parte, foi apanhado em desilusão e confusão. As pessoas se sentem inseguras a respeito de quase tudo e não sabem que rumo tomar em busca da verdade.

Entretanto, a *pior* estratégia para ministrar o evangelho num clima assim é os cristãos imitarem a incerteza ou ecoarem o cinismo da perspectiva pós-moderna - e arrastarem a Bíblia e o evangelho para dentro dessa perspectiva. Em vez disso, precisamos afirmar, *de modo contrário* ao espírito desta época, que Deus falou com a maior clareza e autoridade, de modo definitivo, através de seu Filho (Hebreus 1.1-2). E temos, nas Escrituras, o registro infalível dessa mensagem (2 Pedro 1.19-21).

O pós-modernismo é simplesmente a expressão mais atual da incredulidade mundana. Seu valor essencial - uma ambivalência dúbia para com a verdade - não passa de ceticismo destilado em sua essência pura. No pós-modernismo, não existe nada virtuoso nem genuinamente humilde. Ele é uma rebelião arrogante contra a revelação divina.

De fato, a hesitação do pós-modernismo no tocante à verdade é a antítese exata da confiança ousada que, segundo as Escrituras, é o direito de família de todo crente (Efésios 3.12). Essa segurança é operada pelo próprio Espírito de Deus naqueles que crêem (1 Tessalonicenses 1.5). Precisamos valorizar essa segurança e não temer confrontar o mundo com ela.

A mensagem do evangelho, em todos os fatos que a constituem, é uma proclamação clara, específica, confiante e autorizada de que Jesus é Senhor e de que Ele dá vida eterna e abundante a todos os que *crêem*. Nós, que conhecemos verdadeiramente a Cristo e recebemos aquela dádiva da vida eterna, também recebemos da parte dEle uma comissão clara e específica de transmitir com ousadia a mensagem do evangelho, como embaixadores dEle. Se não demonstrarmos igualmente clareza e nitidez em nossa proclamação da mensagem, não seremos bons embaixadores.

Mas não somos meros embaixadores. Somos, ao mesmo tempo, soldados comissionados a guerrear em favor da defesa e disseminação da verdade, face aos ataques constantes contra a verdade. Somos *embaixadores* com uma mensagem de boas-novas para as pessoas que andam em trevas e vivem na região da sombra da morte (Isaías 9.2). E somos *soldados* - com ordens para destruir fortalezas ideológicas e derrubar as mentiras e enganos engendrados pelas forças do mal (2 Coríntios 10.3-5; 2 Timóteo 2.2-4).

Observe atentamente: nossa tarefa como embaixadores é levar as boas-novas às pessoas. Nossa missão como soldados é destruir *idéias* falsas. Devemos manter esses objetivos no seu devido lugar; não temos o direito de declarar guerra contra as próprias pessoas, nem de entrar em relacionamentos diplomáticos com idéias anticristãs. Nossa guerra não é contra a carne e o sangue (Efésios 6.12); nosso dever como embaixadores não nos permite transigir com qualquer tipo de filosofia humana, engano religioso ou outro tipo de mentira nem a nos alinhar com alguma delas (Colossenses 2.8).

Se parece difícil manter essas duas tarefas em equilíbrio e na perspectiva adequada, isso acontece porque elas são realmente difíceis.

Judas certamente entendeu isso. O Espírito Santo o inspirou a escrever a sua breve epístola a pessoas que estavam lutando com essas mesmas questões. Contudo, ele as exortou a batalharem diligentemente pela fé, contra toda falsidade, ao mesmo tempo que faziam tudo que lhes era possível para livrarem almas da destruição:

[www.espacodabiblia.com](http://www.espacodabiblia.com)

arrebatando-as "do fogo ... detestando até a roupa contaminada pela carne" (Judas 23).

Somos, portanto, embaixadores e soldados; procuramos alcançar os pecadores com a verdade, ao mesmo tempo que envidamos todos os esforços para destruir as mentiras e outras formas de mal que os mantêm na escravidão mortífera. Esse é um resumo perfeito do dever de todo cristão na guerra pela verdade.

Martinho Lutero, aquele nobre soldado do evangelho, lançou este desafio diante dos cristãos de todas as gerações que o sucederam, ao dizer:

*Se, com a voz mais elevada e a exposição mais nítida, eu professar toda porção da verdade de Deus, mas não confessar exatamente o pormenor que o mundo e o Diabo estão atacando naquele momento, não estou confessando a Cristo, ainda que esteja professando-O com ousadia. Onde a batalha ruge, ali é provada a lealdade do soldado. E ficar firme em todos os demais pontos do campo de batalha é mera fuga e vergonha, se o soldado falhar naquele pormenor.*<sup>15</sup>

## NOTAS Capítulo 1

### **A Verdade pode sobreviver numa sociedade pós-moderna?**

1. McLAREN, Brian. *A generous orthodoxy*. Grand Rapids: Zondervan, 2004. p. 293.

2. Ibid. p. 23.

3. Citado em Greg Warner. "Brian McLaren: The Story We Find Ourselves In", uma resenha positiva no website pastors.com, de Rick Warren: <http://www.pastors.com.article.asp?ArtID=4150>

4. GRENZ, Stanley J.; FRANKE, John R. *Beyond foundationalism: shaping theology in a postmodern context*. Louisville: Westminster John Knox, 2001. p. 3.

5. Ibid. p. 30.

6. "Uma teologia repleta de esperança se perde quando acompanha o sonho ilusório do fundacionalismo, que busca assegurar a sua própria certeza apelando a um alicerce antropológico supostamente inexpugnável." (Ibid. p. 248.)

7. ARMSTRONG, John. How I changed my mind: theological method. *Viewpoint*, p.1, Sept./Oct. 2003.

8. Ibid.

9. Ibid. p. 4.

10. Ibid.

11. Ibid.

12. Ibid. p. 1.

13. Ibid. Num prosseguimento deste assunto em seu blog, Armstrong assemelha os cristãos que têm "alto nível de certeza" aos ditadores ou tiranos. Esse artigo tem o título de "Certitude Can Be Idolatrous", 30 de junho de 2005. <http://johnarmstrong.com>

14. Ibid. p. 4.

15. LUTHER, Martin. D. *Martin Luthers Werke, Kritische Gesamtausgabe. Briefwechsel*, 18 vols. Weimar: Verlag Hermann Bohlaus Nachfolger, 1930-1985). 3:81.